

MULHERES E ÁGUAS: SAGRADAS CONEXÕES¹

Elaine Neuenfeldt

Uma teologia ecofeminista sugere a inter-relacionalidade de todas as coisas. Propõe que todos os seres vivos do planeta estão interconectados por fazerem parte de um grande ser vivo, a terra. Neste sentido, terra, águas, plantas e corpos humanos e animais constituem uma grandeza vivente, e sua interconexão faz com que aquilo que afeta a uma parte do corpo afete ao todo do corpo.² A visão de integralidade do corpo vivo é fundante para uma teologia que junta o *feminismo* – a busca pela equiparação de direitos entre homens e mulheres e a *ecologia* – a preocupação com as relações e recíprocas influências entre os seres vivos e o meio ou ambiente em que vivem (definições conforme Aurélio). A atenção às relações é um dos aspectos comuns que conecta feministas e ecologistas: relações entre os seres humanos, entre seres humanos e meio em que vivem e relações entre seres vivos em geral.

Afirmar a conexão entre todos os seres vivos implica uma visão não-fragmentada do mundo e da vida. Implica afirmar a integridade da nossa existência enquanto corpos em processos transitórios e mutáveis. Se aceitarmos o constante movimento de transformação da natureza, afirmamos a nossa própria mobilidade e realidade cambiante. Como capacidade de provocar e processar transformações e câmbios, a mutação está ligada com as construções de gênero. Nesse sentido, os processos de transformação estão interconectados com as relações de poder. Tomar para si as decisões de mudanças e construções de identidades é ser sujeito nas construções de gênero.

O corpo é o lugar onde acontecem e são processadas estas realidades. Os corpos das mulheres, com seus líquidos, fluxos e águas, são o espaço onde conceitos correm e se transformam. São os poderes em movimento nos corpos das mulheres.

Suspeito que essas temáticas estejam inter-relacionadas. E, a partir do estudo de algumas passagens bíblicas, a pergunta pelas *conexões* das *águas de fora*, e as *águas de dentro*, possa trazer algumas pistas na reflexão *ecofeminista*. Águas de fora significam aqui os poços, as fontes, os rios, e as águas de dentro são os líquidos do corpo das mulheres, como a menstruação e os fluxos pós-parto.

1. Esta é uma versão revista de texto já publicado em: A palavra na Vida. N. 175/6 – *Fontes e caminhos ecofeministas*. São Leopoldo: Cebi, 2002, p. 68-76.

2. GEBARA, Ivone, *Teologia Ecofeminista*. Ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'água, 1997, p. 22-23.

Águas de fora

Encontramos muitas formas de mencionar a água ou palavras correspondentes, como mar, chuva, sereno, rio, corrente, inundação, poço e cisterna. A grande incidência do termo ou de seu simbolismo nos textos bíblicos denota a importância da água para o povo de Deus. Uma região desértica, arenosa, com poucos poços, com freqüente escassez ou dificuldade de acesso à água desenvolve e constrói uma cultura onde o valor da água é percebido quando se faz presente em tradições populares, memórias ou contos, mitos e ritos. Por isso, o uso da cal com a tecnologia da água é tão importante para a vida desse povo. A descoberta da cal como revestimento dos poços fez com que a água armazenada permanecesse potável e boa para o consumo humano; e, como emplastro que impermeabiliza a rocha porosa, possibilita a construção de cisternas, permitindo, assim, a habitação fixa num local.³

Neste sentido, encontramos referências sobre a água em momentos estratégicos, como nas guerras. A destruição de fontes de água potável fazia parte da estratégia de conquista em época de guerra. Aliás, além da destruição das águas se promovia uma verdadeira destruição ecológica. Os textos de 2Rs 3,25 e 2Cr 32,2-4 falam de tapar as fontes de água, cortar as boas árvores e entulhar os campos. Parece que guerra e destruição da natureza fazem parte de uma mesma estratégia. Jeremias (14,1-6) diz que cisternas e reservatórios secaram como parte da catástrofe sofrida pelo povo no exílio.

Cria-se uma simbologia em torno da água usada para beber, que serve para preservar ou proteger o uso e acesso aos poços e cisternas. Por exemplo, águas poluídas são purificadas com sal por Eliseu (2Rs 2,19-32). E há a recomendação de que próximo às fontes não sejam construídas casas ou cemitérios.

Imagens em torno da água são usadas para falar da experiência com o divino e o sagrado. Os Salmos são fontes onde a água é freqüente nas metáforas para Deus:

- * Sl 87,7 – *Todos os cantores saltando de júbilo entoarão, todas as minhas fontes são em ti;*
- * Sl 104,10 – *Tu fazes rebentar fontes no vale, cujas águas correm entre os montes;*
- * Sl 107,35 – *Converteu o deserto em lençóis de água e a terra seca em mananciais;*
- * Sl 114,8 – *Converteu a rocha em lençol de água e o seixo em manancial.*

A fonte límpida é comparada ao justo, enquanto a turvada e o manancial corrupto são associados com o justo que cede ao perverso (Pr 25,26); e em Isaías 58,11 temos uma bênção das águas: *O Senhor te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam.*

3. OLESON, John Meter, Water works. In: FREEDMAN, David Noel (Ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992; DISERENS, E., *Água*. ALLMEN, J.J. von. *Vocabulário bíblico*. São Paulo: ASTE, 1972.

Toda essa linguagem metafórica e simbólica em torno da água e termos correlatos demonstra a importância que esse recurso da natureza tinha para o povo de Israel. O povo conhecia o seu valor, e, a partir da experiência cotidiana com o seu uso ou sua escassez, ia sendo construída toda uma teologia da água. Pagar pelo uso da água era sinônimo de opressão e falta de liberdade, conforme Nm 17,30-31 e Dt 2,27-28. A memória popular guarda em canto que os poços são obras de príncipes e nobres – Nm 21,17-18. É para dizer que o poço de onde vem a água é algo de muito valor. Também é lugar de bênçãos e promessas, como em Gn 21,30-31 – o poço de Bersabéia, com Abraão; o poço é também lugar de promessa de esperança e vida, como com Agar e seu filho no deserto – Gn 21,19.

Cisternas, poços e reservatórios são relacionados com fartura e bênçãos. Ao seu redor há árvores de figueira e oliveira, Dt 6,10-11; há comemorações de paz, 2Rs 18,31 e Is 36,16; há presença da bondade de Deus, com comida e bebida, Ne 9,25 e Ecl 2,4-6.

As mulheres são mencionadas em alguns momentos em relação a esses lugares e espaços das águas públicas. Agar recebe a promessa e a vida, dela e de seu filho, num poço (Gn 21,19); Rebeca e Lia e as filhas dos homens da cidade tiram água do poço que abastece os rebanhos (Gn 24,11-17) É ali que elas são buscadas para ser apresentadas aos seus pretendentes. As filhas do sacerdote de Madiã, entre elas Séfora, a esposa de Moisés, tiravam água de um poço e são enxotadas pelos pastores. Moisés as ajuda na tarefa de dar água aos animais. Também no NT temos o tão conhecido episódio de Jesus com a samaritana no poço, em Jo 4.

Parece que o espaço das águas não é algo alheio ou desconhecido para as mulheres. Pelo contrário, mostram familiaridade e intimidade com os poços, as cisternas, os reservatórios. Sabem das suas regras, de seus usos e de sua importância. Aqui é possível resgatar os espaços: o poço como lugar público, onde a mulher tem um certo poder. Pelo menos é espaço conhecido e freqüentado pelas mulheres... reunião, conversa, encontro... Apesar de alguns mecanismos de controle: por exemplo, a prática de colocar uma pedra, tampão grande, no poço, de maneira que só fosse possível de ser retirada com a presença e força dos donos do poço. Isso já impedia que uma mulher sozinha, ou sem a presença de mais pessoas com força suficiente, fosse ao poço para tirar água. Poderia se falar de uma certa privatização da água, com essa prática. No entanto, pode-se entender essa prática como um uso cooperativizado da água: só se tira quando todos estão presentes: isso impede que um tire mais e o outro fique no final com a água suja... Mas a cooperativa ainda é pensada num modelo masculino de força!

Nesse sentido, me vem a suspeita: que significa para as mulheres a descoberta da cal como emplastro que mantém a água armazenada e limpa? Como se dá essa descoberta? Que conseqüências têm para as mulheres e a sua lida com a água o assentamento em locais fixos, a sedentarização em locais montanhosos? Essa é uma pergunta que deveria intrigar no estudo das conexões entre mulheres e águas... Não é a proposta aqui de seguir essa perspectiva de reflexão, mas fica o desafio de repensar questões e temáticas sociais e suas conseqüências específicas nos corpos e identidades dos gêneros. É a pergunta pelas relações de gênero no cotidiano, entrelaçada com as assim cha-

madras “grandes questões históricas”. Ou seja, utilizar a perspectiva de gênero na análise das situações e realidades sociais implica perguntar pelo cotidiano, pelas experiências concretas de vida das pessoas.

Há evidências das relações entre as mulheres e os espaços públicos da água e as águas de fora. Mas outra pergunta que me intriga é como se dá a relação entre as águas internas, corporais, os líquidos e os fluxos do corpo, no contexto bíblico. Não proponho uma análise que transplante a nossa visão de corpo/corporeidade para o mundo e pensamento bíblicos. Não quero sobrepor a minha visão e concepções antropológicas atuais à experiência corporal de mulheres e homens de épocas bíblicas. O que proponho é uma pergunta intrigante enquanto mulher que busca uma aproximação feminista aos textos bíblicos.

Águas de dentro

Nosso corpo é mais líquido que sólido. Somos em torno de 70% água. Essa é a realidade tanto do corpo masculino quanto do feminino. No entanto, existe uma construção genérica sobre os líquidos, os fluidos e os fluxos corporais. Os líquidos dos homens e das mulheres são compreendidos a partir das suas condições genéricas. O sangue do homem – com uma construção genérica sobre o sangue masculino: sangue de vingança, sangue de herança, de genealogia. O suor: do trabalho, ou másculo, força, erotizado... as lágrimas: frouxo, mole... o esperma virilidade...

Os líquidos das mulheres recebem outras conotações, de acordo com sua condição de gênero: o sangue da mulher: menstruação ou pós-parto: muitas vezes é associado com sujeira, com impurezas; as lágrimas: dentro das expectativas de gênero são consideradas mais “naturais” nas mulheres e, na maioria das vezes, são entendidas como sinal de sua fragilidade, fraqueza e sensibilidade; o suor: sinal de relaxamento e falta de higiene pessoal; o fluxo vaginal: doença, sujeira ou erotizado.

As águas e líquidos corporais recebem atributos e valores de acordo com o contexto cultural, social em que manam. São características culturais e históricas, e, portanto, são construídas, aprendidas e transformadas.

O sangue, os fluxos, os líquidos que manam em determinados períodos, na menstruação e no parto, como características biológicas do corpo da mulher são poderosos enquanto constituidores de sua identidade. São fluxos que conformam identidades, delimitam fronteiras de corpos. Sangue que tem poder misterioso, que flui sem matar, que jorra poderosamente sem licença para passar, sem fronteiras que conseguem conter. Essas realidades fazem parte do cotidiano das mulheres, desde épocas bíblicas até os dias atuais.

O que sugiro aqui é vincular as realidades biológicas corporais experimentadas pelas mulheres com uma proposta de construção de saber e, conseqüentemente, com um jeito de fazer exegese bíblica e teologia. A concepção de integralidade e de simultaneidade no processo de construção do saber é norteadora nessa proposta. O saber tem no corpo o seu espaço de experimentação e seu tempo de arrumação. Os ci-

clos, os fluxos e os líquidos do corpo são misturados com o saber construído, a partir da experiência das mulheres. É um processo de gestação e geração de novos conceitos de paradigmas.⁴

Águas e poderes

A reflexão que busca os poderes das mulheres e a questão da água no nível público, ou o que aqui chamamos águas de fora, levanta novas perguntas aos textos bíblicos. É um exercício desafiador reler os textos onde as mulheres têm acesso aos poços e cisternas, onde discutem com os homens, onde assumem tarefas de responsabilidade, como tirar água para o rebanho, e ver nesses gestos e ações uma ação de exercício e protagonismo de poder. Esta perspectiva está dentro de nossos parâmetros, daquilo que consideramos poder ou acesso a ele e seu exercício. Contudo, outro desafio é buscar uma releitura ou o que fazer com textos que lidam com as águas internas, com os líquidos e fluxos corporais, tanto masculinos como femininos. Uma tarefa complexa que busca entender e decifrar códigos que regulamentam os fluxos vaginais, que são classificados e categorizados como impuros e que, portanto, devem ser afastados do espaço sagrado.

Buscar uma visão mais integral, mais conectada de corpo/corporeidade é pressuposto nessa reflexão, onde as águas de fora e de dentro são fontes de poder e força. Assim, a proposta de uma visão ecofeminista faz a conexão das águas – águas de fora e águas de dentro, que se encontram no corpo da mulher. Não falo de um corpo ideal/izado, mas de um corpo concreto em que estas realidades são experimentadas de forma ambígua e não normativa, nem universal. Não penso num corpo universal e essencial, único e homogêneo. Mas em corpos vários, muitos. Em corpos que se transformam, que se adaptam, que se constroem e sofrem processos de construções. Corpos que estão em constante mutação.

A pergunta pela reconstrução de identidades tendo como ponto de partida essas experiências e práticas requer que sejam tomadas de forma complexa, não unívoca, mas nas suas multiplicidades de formas e jeitos. A menstruação e o parto, apesar de serem experiências que caracterizam a constituição biológica da mulher, não são determinantes para o ser mulher. Ou seja, para ser mulher não é preciso passar por essas experiências. Não é assim que toda mulher menstrue, toda mulher experimente o parto. O potencial existe, mas a forma como se experimenta é diferente. Existem tecnologias desenvolvidas que eliminam a menstruação. (Ainda que aqui caiba a pergunta: quem desenvolve essas tecnologias? E não respondem a interesses patriarcais e masculinos?) O parto não é experiência para mulheres que por uma ou outra razão não têm filhos ou filhas. A forma, o jeito de experimentar a menstruação e o parto, e as simbologias e rituais criados em torno desses momentos são diversos, de acordo com a cultura, o contexto, a época em que se vive.

4. Cf. NEUENFELDT, Elaine Gleci, *Sangue, fluxos e poderes – ditos e entreditos em torno da menstruação e do parto no Levítico 12,1-8 e 15,19-30*. São Leopoldo: IEPG, 2000 (Dissertação de mestrado).

Uma pergunta ou suspeita a ser aprofundada: como escapar de um determinismo biológico, e entender que conceitos e valores são construídos culturalmente,⁵ também no que se refere à conexão entre mulheres e águas? Ou seja, existem fatores que relacionam e conectam as realidades e os líquidos corporais das mulheres com a natureza, mas como não cair numa visão determinista, onde se assume *naturalmente* essa conexão, sem passar pelas construções culturais e históricas?

Ou ainda, uma ligação das mulheres com a natureza pode acarretar uma visão que as exclui do âmbito público/político e as relega ao âmbito doméstico, onde as funções que ocupam estão destituídas de poder e, portanto, estão num espaço não “fazedores” de cultura. Maternidade, cuidado e educação dos filhos e filhas não são consideradas cultura, mas função biológica e “natural” das mulheres. Ou seja, as funções biológicas específicas das mulheres são o que as conecta com a natureza. Assim como a natureza se movimenta em ciclos, a mulher também tem em seu corpo a ciclicidade e o movimento das ondas do mar, da lua, das estações.⁶

Evitar um perigo nessa associação de mulheres e natureza:⁷ a questão fica mais clara quando se refere à exploração sofrida por ambas. Mulheres e natureza sofrem de uma forma particular a exploração do sistema que se baseia na competição, no lucro e conseqüente destruição. No entanto, homens também estão sujeitos a esse sistema. E nem todos se enquadram no modelo vitorioso, poderoso apregoado pelo poder dominante. Há tipos de homens que não se encaixam no ideal propagado. O desafio ecofeminista é, então, buscar os efeitos do sistema e o que ele provoca nos corpos e nas construções masculinas e femininas, nos homens e nas mulheres. Isso significa ir além de tachar os homens de essencialmente – e aqui entrariam todos – com um espírito destrutivo.

Ainda nesse vínculo mulher-natureza, outro desafio é estabelecer as peculiaridades e os níveis das explorações. O patriarcado é um sistema de discriminação mais antigo e uma forma de organizar-se muito mais consolidada e cimentada na cultura. No ajuntamento das preocupações ecológicas e feministas corre-se o risco de minimizar a amplitude e a profundidade do sistema opressor sobre as mulheres, na sua especificidade.⁸

Um ponto a ser destacado é o cuidado com a idéia do essencialismo, ou seja, no vínculo mulher e natureza há o risco de buscar uma essência que conecte e vincule am-

5. DEIFELT, Wanda, Contribuições da teologia ecofeminista para uma leitura ecológica da Bíblia. In: DIETRICH, Luis, *Ecologia e solidariedade com o cosmos*. Série: A Palavra na Vida, n. 189. São Leopoldo: Cebi, 2003, p. 4.

6. RUETHER, Rosemary Radford, *Mulheres cuidando a terra*. Mulheres do terceiro mundo na ecologia, no feminismo e na religião. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 12.

7. Ver RUETHER, Rosemary Radford, *Mulheres cuidando a terra*, p. 14-15.

8. RUETHER, Rosemary Radford, Ecofeminismo: Mulheres do Primeiro e do Terceiro Mundo. *Estudos teológicos*. São Leopoldo: IEPG, Ano 36, n. 2, p. 134-135, 1996.

bas. Com uma essência das mulheres trabalha-se com um grupo homogêneo, onde todas as mulheres são enquadradas. Ora, não existe isso, nem é possível analisar as mulheres como um grupo homogêneo. Questões de raça, etnia, cultura, classes sociais, idade, etc. interferem na configuração de cada grupo. Outro perigo do essencialismo é atribuir algumas características como específicas das mulheres: ou seja, as afirmações do cunho “as mulheres são mais sensíveis à situação de degradação do meio ambiente...” revelam uma visão essencialista de cuidado de gerar a vida, como características “naturais” e, portanto, imutáveis. Isso significa, por outro lado, afirmar que quem não se encaixa nesse modelo não alcança o ideal de feminino.

Essa ligação pode levar a que as lutas das mulheres, os seus espaços e reflexões não ultrapassem o nível do privado. O feminismo já propõe essa ruptura entre o privado e o público, quando busca a interferência mútua entre ambas as esferas. Ou seja, as questões ecológicas são de âmbito público e estão desvinculadas das questões específicas de mulheres, que estariam sob o âmbito privado.⁹ É um desafio superar e transpor esse esquema e propor como agenda de discussão pontos que afetem as mulheres em sua integralidade.

O ecofeminismo conecta vários aspectos das discussões numa *teia de relações*, ou seja, propõe cimentar relações onde se estabelecem conexões com todos os seres vivos. Essa nova teia deve ter forças para romper com ciclos de exploração e destruição do planeta dos seres vivos que o habitam.¹⁰

Nessa perspectiva, é um desafio cultivar o respeito à *diferença*, à diversidade e à convivência entre perspectivas plurais. Só então se pode trabalhar a questão da heterogeneidade como riqueza e não como deficiência que necessita de ser superada. A partir das pequenas conquistas cotidianas, é preciso *encontrar brechas* no sistema homogeneizante¹¹. Para celebrar essa nova forma de espiritualidade é preciso buscar símbolos que possam ampliar/visualizar/re-significar/presenciar/concretizar o que definimos como ecofeminismo.

A busca pela conexão das mulheres e suas águas, seus líquidos e seus fluxos e das águas da terra, dos poços e cisternas tem na exploração de ambas, na tentativa do controle, na disputa pela demarcação de território e delimitação das geografias o seu ponto de vínculo e atrelamento. Na teia que amarra e tece a vida e as identidades das mulheres, as águas – tanto as suas, corporais, quanto as públicas – foram (e continuam sendo) território de conflitos e embates na disputa pelo controle. Restam a nós mulheres a dinâmica e a perspicácia ao tomarmos a vez e dizermos as nossas palavras.

Palavra que consegue misturar a teologia, a ecologia e a poesia!

9. RUETHER, Rosemary Radford, *Mulheres cuidando a terra*, p. 11.

10. GEBARA, Ivone, *Teologia ecofeminista*, p. 112.

11. Cf. GEBARA, Ivone, *Teologia ecofeminista*, p. 101-113.

Salmo 152

Fragmentos de meu corpo todo, bendigam ao Senhor. Louvai-o com hinos pelos séculos.

Altas ondas de meu sexo, fundos mares do meu ventre, bendigam ao Senhor.

Fogo de meu fogo, carne de minha carne, bendiga ao Senhor.

Mãos que acariciam o ar, boca que beija o som da tua voz, bendigam ao Senhor.

Leves pés que dançam embriagados de vida, bendigam ao Senhor.

Olhos que descobrem o sol de cada manhã, bendigam ao Senhor.

Ouvidos que escutam jubilosos o canto das aves, bendigam ao Senhor.

Leito nupcial, perfume de alabastro, bendigam ao senhor.

Sementes, folhas, frutas que alimentam o meu corpo, bendigam ao Senhor.

Flores que coroam a minha cabeça, bendigam ao Senhor.

Água dos rios que sustentam o meu sangue bendiga ao Senhor.

Vento que rodeia a minha cintura, bálsamo sagrado que acaricia os meus peitos, bendigam ao Senhor.

Alvéolos e brônquios, ventos e tempestades bendigam ao Senhor.

Bendigam meus neurônios ao Senhor

Louve minhas palavras a Vida.

Cumes de meus peitos bendigam ao Senhor

Vales e rios de minhas veias bendigam ao Senhor.

Filhos de meu ventre bendigam ao Senhor.

Mulheres de meu povo bendigam ao Senhor.

Patrícia, Ximena, Vidaluz bendigam ao Senhor, louvai-o com hinos pelos séculos.

Bendito é o Senhor na abóbada pura de meu ventre

Louvado e glorioso e exaltado pelos séculos.¹²

Elaine Neuenfeldt
Rua Riachuelo, 676
93425-010 Novo Hamburgo, RS
elainenf@terra.com.br

12. NAJLIS, Michele, *Cantos de Ifigênia*, Manágua, Vanguardia, 1991, p. 85-86.